



PSICANÁLISE E PRÁTICA DE GRUPO: SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MÃES DA UTI NEONATAL

Eixo Horizontal: EH1: ESPECIALIDADES MÉDICAS/CAMPOS DE ATUAÇÃO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Janara Pinheiro Lopes; Leônia Cavalcante Teixeira; Myrllanne Alves da Costa; Liana Albano Cavalcante ; Amanda Revllen Saboia de Abreu; Kelvya Ximenes Ribeiro;

O nascimento de um bebê anuncia a chegada de um novo ciclo, rotina e desafios para a mãe. Gestar é lidar com diversas possibilidades, inclusive a de defrontar-se com os riscos à saúde ou à vida. Quando esse risco à vida do bebê se concretiza, diante da perspectiva lacaniana do Real, a elaboração do processo de conceber o bebê ocorre de outro modo, transpondo-se pela via da angústia. Pode ocorrer um processo de adoecimento do bebê que se relaciona com um sofrimento psíquico da mãe diante das suas perdas diárias para assumir essa rotina de cuidado. Para tanto, reconhece-se a relevância em proporcionar espaços de fala como promotores de saúde para que essas mães compartilhem suas experiências e elaborem suas perdas e sofrimento psíquico para este não ser diagnosticado de imediato como transtorno mental, a exemplo a depressão pós-parto, para ser medicalizado diante do uso exacerbado de psicofármacos que, somente em alguns casos, são necessários e temporários. Com objetivo de analisar os efeitos do manejo grupal frente ao sofrimento psíquico de mães de bebês recém nascidos da UTI neonatal, realizou-se uma pesquisa-ação mediante a prática de condução grupal norteada pela Psicanálise. Contou-se com a participação de 10 a 20 mães da UTI Neonatal de um hospital geral público de alta complexidade e de referência na prestação de serviços de saúde no Brasil. Utilizou-se de registros e experiências durante a realização do grupo rotativo, sendo permitida a entrada de novas mães diante da alta de outras mães. O grupo foi facilitado por estagiárias da psicologia e, para análise dos dados, utilizou-se o referencial psicanalítico para articulação teórico-prática. A prática grupal e as supervisões ocorreram semanalmente, com duração de uma hora por encontro, no período de fevereiro a junho de 2019. Os resultados evidenciam que o processo de hospitalização de um recém-nascido, torna-se para os familiares um momento de intenso sofrimento psíquico. Esse episódio acentua o sofrimento e realçam perdas diárias que a internação causa a mãe. O espaço grupal vem proporcionar o contato com o outro, permitindo que as integrantes criem laços afetivos e relações transferenciais, reconhecendo um lugar de sujeito desejante de fala do sofrimento que vivenciam. O grupo possibilitou reinvestimentos libidinais, renúncias e destinos pulsionais, acolhimento para a angústia, ressignificações, bem como elaborações de possibilidades, perante o sofrimento e perdas vivenciadas com a hospitalização e maternidade. Observou-se que o manejo grupal é uma ferramenta eficaz para romper minimamente com a rotina de institucionalização do hospital, ofertando acolhimento e um espaço de cuidado para as mães. Com isso, percebe-se a capacidade que o espaço em grupo propicia em relação ao acolhimento do sofrimento psíquico, sem precisar negá-lo, extirpá-lo, medicalizá-lo ou patologizá-lo.